

Texto: Miguel von Hafe Pérez
Tradução e edição: Susana Camanho
Produção: Rita Senra, Pedro Huet
Montagem: Rita Senra, Pedro Huet, João Pedro Trindade, Hernâni Reis Baptista e Miguel Santos
Design: Macedo Cannatà
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho
Programa editorial: Maria João Macedo
Poster em serigrafia: Oficina Atalaia
Agradecimentos: Cláudia Carrasqueira, Ana Maria Carvalho, Dalila Gonçalves e NORMAX (Isabel Polido, Rui Gomes, Rúben Curado)

A equipa do Sismógrafo é composta por: Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho, Pedro Huet, Maria João Macedo, Hernâni Reis Baptista, Sara Rodrigues, Rita Senra e João Pedro Trindade.



O Sismógrafo tem o apoio:



UNNO

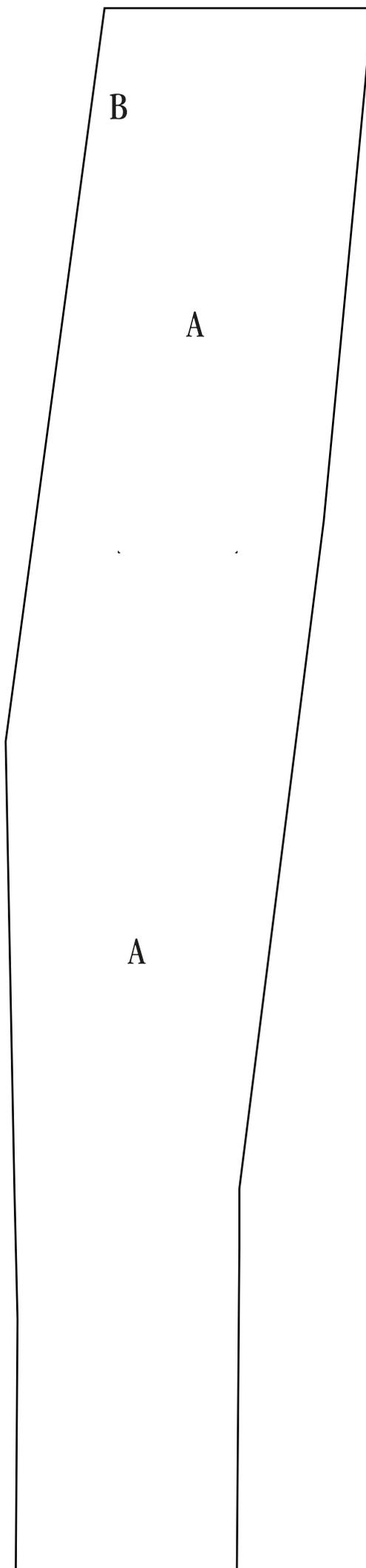
Ruben Santiago
16 Setembro – 21 Outubro 2023

FOGO

RUBEN SANTIAGO (Sarria, Galiza, 1974), através da sua obra, examina criticamente os mecanismos pelos quais a memória colectiva é formada e reflexiona sobre como as instituições regulam a concessão de valor simbólico. Abraçando estrategicamente processos a longo prazo e metodologias contínuas, Ruben concretiza a sua prática como experiência expandida que permeia cada aspeto da sua vida quotidiana. As apresentações públicas do seu trabalho tornam-se instrumentos de negociação através dos quais procura contestar e analisar definições do real. Ruben Santiago cria instalações, projetos site-specific, mecanismos online, trabalhos em vídeo, objectos, publicações e outros artefactos culturais. A sua obra e a sua abordagem dos processos de geração de sentido constituem um dos percursos mais singulares e significativos da sua geração. Expõe o seu trabalho em instituições internacionais, galerias e espaços independentes, desde os finais da década de 1990.

A
Um fogo 1.1, 2023
+/- 5227 tacos de madeira, alcatrão e tinta acrílica
Dimensões variáveis

B
A lock is the weakest link
[O cadeado é o elo mais fraco], 2023
Impressão fotográfica s/ papel Hahnemuehle Baryta 300g;
duas cápsulas de vidro e óxido de ferro, tacos de madeira,
alcatrão
Edição de 2 + 1 p.a.
150 x 100 cm (x2); 6,5 x 2,4 cm (x2)



Pensamento e acção na clandestinidade pública

Mais do que um criador de objectos artísticos, Ruben Santiago é um manipulador de situações que direcciona com intencionalidade eficaz para um território onde a arte se vê criticamente perscrutada.

Ainda que o lastro de muitas das práticas conceptuais da chamada crítica institucional esteja presente no seu modo de actuar, o que este artista verdadeiramente procura é um meio para se posicionar no contexto de uma arte política e socialmente engajada, sem cair num panfletarismo banal.

Quando o conheci, a propósito do projecto *A cidade interpretada*, com curadoria de Pablo Fanego, em Santiago de Compostela em 2010, surpreendeu-me a ousadia material e ideológica de um projecto que consegui concretizar no Centro Galego de Arte Contemporânea, que na altura dirigia; permitam-me recordar as palavras que a seu propósito escrevi: “Visualmente arriscada e conceptualmente complexa, a intervenção de Ruben Santiago estrutura-se a partir da percepção de que a arte deve articular-se criticamente com a história e com o tecido social em que se insere. Assim, o ponto de partida do seu trabalho deriva da localização geográfica do CGAC, a partir de uma linha de água que atravessa o Parque do Bonaval, para construir uma metáfora tecida a partir do próprio sistema de distribuição de água como serviço público. Se, por um lado, o artista desvia parte do fluxo de água que percorre o parque para o interior do museu através de um canal que se torna um elemento escultórico com presença imponente nas salas da cave e na área exterior envolvente, por outro lado altera, ainda que em quantidades protocolarmente aceitáveis, os níveis de aditivos químicos que determinam a qualidade da água potável, alteração que o artista regista num trabalho de vídeo que é apresentado no interior do CGAC. O museu torna-se uma espécie de membrana entre o espaço público e o espaço privado, um elemento mediador entre a funcionalidade pragmática (a distribuição da água) e a intencionalidade artística, que se concretiza no plano da pura subjectividade instrumental.”

Escolha, análise, investigação e tradução plástica. Um processo recorrente neste autor galego que vive na cidade do Porto há alguns anos. Aqui, procura uma dimensão da cidade que privilegia os espaços indeterminados, os espaços em transformação e os espaços administrativa e socialmente proibidos.

André Cepeda, no seu projeto *Ontem*, de 2010, fotografou como ninguém alguns desses espaços e outros que, entretanto, foram desaparecendo na voragem de uma cidade em reconversão. No caso de Ruben Santiago, a sua deriva é agudizada precisamente pela aceleração desses desaparecimentos.

A exposição *Um Fogo* erige-se a partir da consciência plena da urgência na sua concretização. No fluxo das suas deambulações pela geografia inacessível da cidade, o artista entra numa antiga casa burguesa do Porto que, como tantas outras, está destinada à demolição num processo de especulação imobiliária. No seu interior repara que a habitação tinha vindo a ser ocupada por um (ou mais) sem-abrigo. No soalho de madeira eram visíveis as marcas de um fogo, provavelmente alimentado para aquecimento.

Essas marcas ganhavam, assim, uma dimensão distópica relativamente à memória possível de festas, convívios e socializações de um típico e abastado núcleo familiar de tempos passados.

A partir daí, Ruben Santiago decidiu traçar um plano de trabalho que transformou esse espaço num inusitado espaço de atelier. O objectivo estava traçado: remover todos os tacos do chão e recolocá-los num lugar dedicado à arte contemporânea. Os tempos de trabalho teriam de ser cuidadosamente ajustados à clandestinidade da operação. O silêncio pesado era uma homenagem ao vazio que ali iria instaurar.

A peça *Fogo 1.1* ganha, então, uma espessura muito particular na sua apresentação no Sismógrafo; acto de coragem, de posicionamento crítico e obstinação processual, ela vive da sua anti-espectacularidade para se ancorar num plano de recepção angustiante. Percorrê-la é pisar o próprio âmago da história, principalmente de todas as histórias que não se contam a propósito das mutações urbanas a que hoje em dia freneticamente assistimos, por vezes em silêncio cúmplice, por outras em desanimada incapacidade.

As presenças fantasmáticas são muitas: dos proprietários originais, do sem-abrigo que deixou as marcas do fogo, do artista que, para a prossecução da obra, tinha de apostar na máxima invisibilidade.

Na sua mente, ressoava constantemente a particularidade linguística de em português a palavra *fogo* denominar também uma parcela habitacional. Esta coincidência, revelada nas suas investigações paralelas em torno do cooperativismo na habitação, sublinha a estranheza do gesto concretizado.

Numa segunda peça, *A lock is the weakest link [O cadeado é o elo mais fraco]*, são apresentadas duas imagens de cadeados, iguais a tantos outros que fecham a entrada de casas inabitadas. Símbolos do privado que agressivamente permeiam o espaço público e que, paradoxalmente, convidam em certa medida à transgressão, pois são sinal de precariedade na segurança dos edifícios.

O artista apropriou-se de dois desses cadeados e, através de um processo de electrólise, decompô-los em óxido de ferro, o que na exposição pode ser observado em duas pequenas ampolas de vidro.

A memória das fronteiras entre o público e o privado é, assim, reificada em objetos estéticos conflituantes com as tradições compositivas das disciplinas do campo da arte. Aqui, é o processo que se sobrepõe ao resultado, é esta capacidade de uma mnemónica desviante que valida a pertinência absoluta da forma.

Pensamento e acção na clandestinidade pública

Mais do que um criador de objectos artísticos, Ruben Santiago é um manipulador de situações que direcciona com intencionalidade eficaz para um território onde a arte se vê criticamente perscrutada.

Ainda que o lastro de muitas das práticas conceptuais da chamada crítica institucional esteja presente no seu modo de actuar, o que este artista verdadeiramente procura é um meio para se posicionar no contexto de uma arte política e socialmente engajada, sem cair num panfletarismo banal.

Quando o conheci, a propósito do projecto *A cidade interpretada*, com curadoria de Pablo Fanego, em Santiago de Compostela em 2010, surpreendeu-me a ousadia material e ideológica de um projecto que consegui concretizar no Centro Galego de Arte Contemporânea, que na altura dirigia; permitam-me recordar as palavras que a seu propósito escrevi: “Visualmente arriscada e conceptualmente complexa, a intervenção de Ruben Santiago estrutura-se a partir da percepção de que a arte deve articular-se criticamente com a história e com o tecido social em que se insere. Assim, o ponto de partida do seu trabalho deriva da localização geográfica do CGAC, a partir de uma linha de água que atravessa o Parque do Bonaval, para construir uma metáfora tecida a partir do próprio sistema de distribuição de água como serviço público. Se, por um lado, o artista desvia parte do fluxo de água que percorre o parque para o interior do museu através de um canal que se torna um elemento escultórico com presença imponente nas salas da cave e na área exterior envolvente, por outro lado altera, ainda que em quantidades protocolarmente aceitáveis, os níveis de aditivos químicos que determinam a qualidade da água potável, alteração que o artista regista num trabalho de vídeo que é apresentado no interior do CGAC. O museu torna-se uma espécie de membrana entre o espaço público e o espaço privado, um elemento mediador entre a funcionalidade pragmática (a distribuição da água) e a intencionalidade artística, que se concretiza no plano da pura subjectividade instrumental.”

Escolha, análise, investigação e tradução plástica. Um processo recorrente neste autor galego que vive na cidade do Porto há alguns anos. Aqui, procura uma dimensão da cidade que privilegia os espaços indeterminados, os espaços em transformação e os espaços administrativa e socialmente proibidos.

André Cepeda, no seu projeto *Ontem*, de 2010, fotografou como ninguém alguns desses espaços e outros que, entretanto, foram desaparecendo na voragem de uma cidade em reconversão. No caso de Ruben Santiago, a sua deriva é agudizada precisamente pela aceleração desses desaparecimentos.

A exposição *Um Fogo* erige-se a partir da consciência plena da urgência na sua concretização. No fluxo das suas deambulações pela geografia inacessível da cidade, o artista entra numa antiga casa burguesa do Porto que, como tantas outras, está destinada à demolição num processo de especulação imobiliária. No seu interior repara que a habitação tinha vindo a ser ocupada por um (ou mais) sem-abrigo. No soalho de madeira eram visíveis as marcas de um fogo, provavelmente alimentado para aquecimento.

Essas marcas ganhavam, assim, uma dimensão distópica relativamente à memória possível de festas, convívios e socializações de um típico e abastado núcleo familiar de tempos passados.

A partir daí, Ruben Santiago decidiu traçar um plano de trabalho que transformou esse espaço num inusitado espaço de atelier. O objectivo estava traçado: remover todos os tacos do chão e recolocá-los num lugar dedicado à arte contemporânea. Os tempos de trabalho teriam de ser cuidadosamente ajustados à clandestinidade da operação. O silêncio pesado era uma homenagem ao vazio que ali iria instaurar.

A peça *Fogo 1.1* ganha, então, uma espessura muito particular na sua apresentação no Sismógrafo; acto de coragem, de posicionamento crítico e obstinação processual, ela vive da sua anti-espectacularidade para se ancorar num plano de recepção angustiante. Percorrê-la é pisar o próprio âmago da história, principalmente de todas as histórias que não se contam a propósito das mutações urbanas a que hoje em dia freneticamente assistimos, por vezes em silêncio cúmplice, por outras em desanimada incapacidade.

As presenças fantasmáticas são muitas: dos proprietários originais, do sem-abrigo que deixou as marcas do fogo, do artista que, para a prossecução da obra, tinha de apostar na máxima invisibilidade.

Na sua mente, ressoava constantemente a particularidade linguística de em português a palavra *fogo* denominar também uma parcela habitacional. Esta coincidência, revelada nas suas investigações paralelas em torno do cooperativismo na habitação, sublinha a estranheza do gesto concretizado.

Numa segunda peça, *A lock is the weakest link [O cadeado é o elo mais fraco]*, são apresentadas duas imagens de cadeados, iguais a tantos outros que fecham a entrada de casas inabitadas. Símbolos do privado que agressivamente permeiam o espaço público e que, paradoxalmente, convidam em certa medida à transgressão, pois são sinal de precariedade na segurança dos edifícios.

O artista apropriou-se de dois desses cadeados e, através de um processo de electrólise, decompô-los em óxido de ferro, o que na exposição pode ser observado em duas pequenas ampolas de vidro.

A memória das fronteiras entre o público e o privado é, assim, reificada em objetos estéticos conflituantes com as tradições compositivas das disciplinas do campo da arte. Aqui, é o processo que se sobrepõe ao resultado, é esta capacidade de uma mnemónica desviante que valida a pertinência absoluta da forma.